

## Montemor-o-Velho: dinâmicas portuárias do Mondego

Em tempo de comemorações dos oitocentos anos do foral latino, esta é a ocasião adequada para apresentar uma breve abordagem sobre as dinâmicas de ocupação de Montemor-o-Velho, a sua relação com o rio e conseqüente realidade portuária<sup>1</sup>.

Nesta investigação foi possível perceber a importância de uma navegabilidade flúvio-marítima outrora existente em torno de Montemor-o-Velho e seu *hinterland*, que veio dinamizar aspectos demográficos e económicos. Assim, a posição deste concelho foi determinante para a defesa de um território e na troca de bens, estabelecida por uma ligação do litoral com as regiões mais interiores, situação que se processou muito antes dos séculos medievais.

Procurámos apresentar propostas de identificação da antiga situação portuária, referenciada desde muito cedo como de capital importância, mas sem uma posição determinada. Para isso, foi estabelecida uma metodologia de trabalho alicerçada sobretudo em análises bibliográficas, cartográficas, urbanas e geomorfológicas, bem como prospecções arqueológicas, que foram fundamentais para sustentar hipóteses de localização.

O processo de análise territorial debruçou-se em torno de três áreas. Pela margem direita do rio, investigou-se a vila de Montemor-o-Velho, cujo enfoque foi colocado nas seguintes zonas: Castelo, Ponte da Alagoa e Casal Novo do Rio. Já pela margem esquerda, estudou-se a situação de Verride, em especial os sítios da Quinta da Almiarra, Sevelha (Outeiro da Moura) e Costa do Barrão. Por fim, foram analisadas as zonas de Presalves, Carril (Porto do Carril), Reveles e Almiaras, pertencentes à freguesia de Abrunheira.

\* - Marco Penajoia (Licenciado em Arqueologia e História, Mestre em Arqueologia e Território – FLUC.)

1- Vide a recente Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, intitulada: Os antigos enclaves portuários de Montemor-o-Velho: Propostas para o seu estudo (no prelo)

A partir da metodologia mencionada, podemos conjecturar a existência de espaços com capacidade portuária, por exemplo, através da análise urbana da vila. Aqui, ficou patente, que a génese urbana se terá processado a partir da *villa* romana de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>, do Desterro, a cerca de 650m NE do núcleo urbano medieval. Acerca do posicionamento desta villa, sabe-se que a mesma se insere junto a uma enseada colmatada, propícia ao abrigo náutico, onde se pode observar paleoformas através do cruzamento de fotografias aéreas antigas com capturas actuais. Já na vila medieval, o crescimento urbano mais notável foi pautado por uma orientação ao rio, justificando locais de aportagem. É disso exemplo o castelo com o sector do cercado norte a evidenciar uma aptidão de apoio portuário. As incongruências cronológicas e funcionais para a sua edificação, alguns materiais arqueológicos agora detectados numa área de interação com esta estrutura e os paralelismos com outros baluartes com situação geo-estratégica similar, levam-nos a estabelecer esta hipótese.

Com o progressivo assoreamento do rio, é possível ter existido uma deslocação portuária para o sítio da Ponte da Alagoa, por volta do séc. XVI. A existência de condições naturais para edificar o convento de S. Francisco (S. Luis) em zona de paleoleito, impediria a possibilidade de alcançar o cercado norte do castelo por via náutica.

Ainda na margem direita, o local de Casal Novo do Rio, com todos os seus dados arqueológicos, os resultados dos ensaios geomorfológicos, as suas travessias terrestres, a sua disposição urbana e uma tradição humana com um cariz sócio-económico voltado para o rio, projecta a esta zona uma clara valência portuária.

Já na margem esquerda, analisámos a área de Verride, que ainda hoje demonstra uma predisposição natural para abrigo, controlo e comunicação náutica. A confluência do rio Mondego e seus afluentes nesta área, serviu para alcançar posições importantes como eram Conímbriga e Soure. Ainda hoje podemos observar, nas suas cercanias, bons recursos naturais, que poderiam sustentar o seu estaleiro naval referenciado na documentação escrita.

Acoplados a esta zona, temos os sítios da Quinta da Almiara, Monte Facho e Sevelha. Se os dois primeiros poderiam servir de complemento defensivo e controlo náutico a este território na Alta Idade Média, o terceiro, dado os vestígios arqueológicos assinaláveis e a sua posição geomorfológica, constitui um importante habitat romano de eventual cariz portuário. O sítio de Sevelha era ainda seguramente favorecido pela posição do cabeço da Costa do Barrão, que pela sua altitude forneceria valências de vigilância perante o rio. Esta posição detinha, nas suas zonas baixas, reentrâncias propícias ao abrigo náutico e onde existe referência ao Porto Barrão (veja-se a fig.1).

A restante área estudada da margem esquerda do Mondego continua a demonstrar toda uma dinâmica de povoamento relacionada com o rio, não só pela garantia toponímica, como também por alguns materiais arqueológicos detectados e pela comunicação terrestre de confluência fluvial (ex. Almiaras e Porto do Carril).

As particularidades do rio Mondego, as suas transformações naturais e antrópicas, levaram a que a sua navegabilidade fosse perdendo viabilidade. Sabemos que um dos últimos factores para a queda dos portos fluviais se prendeu com a implementação do traçado ferroviário, que veio substituir esses pontos de acostagem pelos recentes apeadeiros e estações. Um exemplo concreto foi o que se passou com o porto de Verride, que numa análise cartográfica remetida para o ano de 1801, ainda se mostra representado, mas que entretanto deu lugar ao seu apeadeiro.

Em síntese, temos noção de ter alavancado uma investigação que gostaríamos de continuar a desenvolver e aplicar a todo concelho num projecto futuro. Seria útil a realização de um estudo efectivo da dinâmica de ocupação do território, que se pudesse estender às sedes de freguesia relacionadas com o rio Mondego e seus afluentes. Tal permitiria comparar as dinâmicas de ocupação entre a margem norte e sul deste rio, contribuindo, assim, para uma melhor gestão do território montemorense.

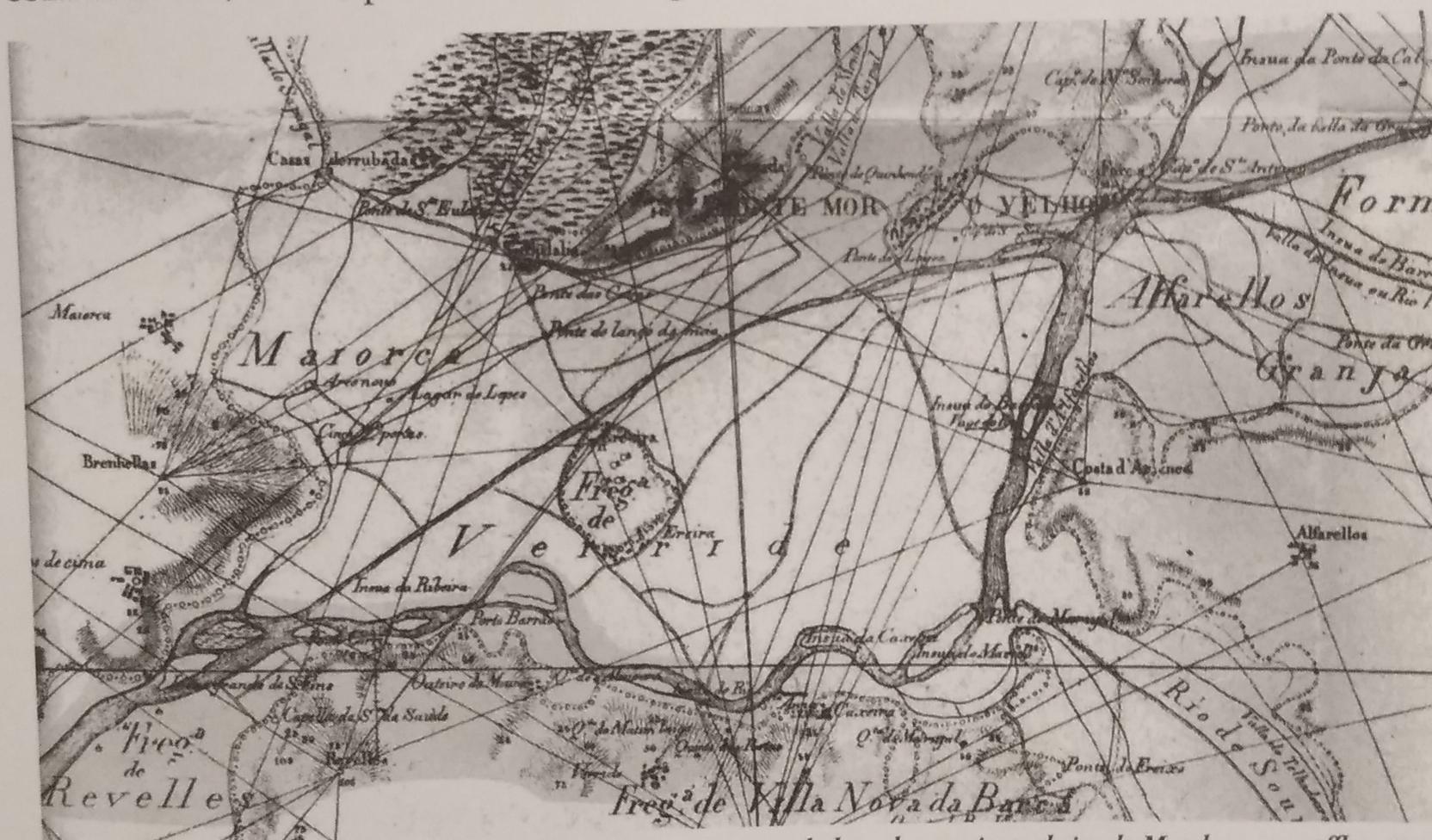


Fig.1 - Território de estudo, pela *Planta provisoria dos campos inundados pelas maximas cheias do Mondego, seus afluentes e vallas...* Levantada sob a direcção do Conselheiro F. Folque (1856). Adaptada de: FORTES, Mário (1929): *O Aproveitamento Geral da Bacia do Rio Mondego, pelo Sistema Confederativo Sindical Hidrográfico; Memória sobre os danos do Mondego no Campo de Coimbra e seu remédio por Estevão Cabral*. Portugal, Coimbra.

## Bibliografia:

- PENAJÓIA, Marco (2011): Os antigos enclaves portuários de Montemor-o-Velho: Propostas para o seu estudo. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território (Arqueologia) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 254p.